

**CRÍTICA FEMINISTA:  
O IMPACTO DA MULHER NA LITERATURA**

Larissa de Freitas de Souza (UVA)

[larissaf.souza@hotmail.com](mailto:larissaf.souza@hotmail.com)

Anne Caroline de Moraes Santos (UVA)

[anne.santos@uva.br](mailto:anne.santos@uva.br)

**RESUMO**

O presente artigo tem por finalidade apresentar a luta da mulher diante de uma sociedade patriarcal, sobretudo, a do século XX, na Europa e, principalmente no Brasil, abordando a sua inserção no mercado editorial. Este texto pretende destacar os desafios e as lutas enfrentadas pelas mulheres, mas também falará sobre as conquistas alcançadas. No decorrer do texto, serão citados os dois principais livros que nortearam esse artigo: *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, ensaio sobre a mulher na ficção e sobre a necessidade de as mulheres conquistarem seu espaço; e *Nova história das mulheres no Brasil*, obra em que vinte e uma mulheres falam sobre temas relacionados ao universo feminino, mostram suas lutas, as dificuldades enfrentadas e as conquistas que obtiveram ao longo do século XX e início do século XXI. É importante abordar esse assunto, pois, mesmo tendo havido conquistas ao longo desses séculos para as mulheres, elas ainda são colocadas em lugar inferior aos homens no campo da literatura. Torna-se, então, necessário conhecer a trajetória da mulher e entender que a literatura feminina vai muito além da escrita de textos literários, é um ato político. Toda vez que uma mulher escreve, ela está indo contra um padrão imposto a ela. Toda vez que uma mulher escreve, ela está contando não só a sua história, mas também a de milhares de outras mulheres.

**Palavras-chave:**

Feminismo. Literatura. Mercado editorial.

**ABSTRACT**

This study aims to present the struggle of women in a patriarchal society, especially in the twentieth century, addressing their insertion in the labor market, at school and, mainly, in literature. Present the social function of women and how it has changed over the decades. This study will approach the challenges and struggles faced by women, but it will also talk about their achievements. Throughout the text, several books which helped in the development of this work will be cited, however, there are two main books that led this work: *A room of one's own*, by Virginia Woolf, an essay in which she talks about women in fiction, addressing the need for women to conquer their space; *New history of women in Brazil*, in which twenty-one women talk about themes related to the feminine universe, showing the struggles, the difficulties faced, and the achievements they obtained throughout the twentieth century and the beginning of the twenty-first century. It is important to address this issue, because even with an advance, women are still placed at a lower level than men in the field of literature. Therefore, it becomes necessary to know the trajectory of women, understanding that women's literature goes far beyond mere texts, it is a political act. Every time a

woman writes, she is going against a pattern imposed on herself. Every time a woman writes, she is telling her – and thousands of other women’s – story.

**Keywords:**

**Feminism. Literature. Publishing market.**

## **1. Introdução**

A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época. Essas palavras são do pensador russo Mikhail Bakhtin. Isso significa que a literatura é produzida e recepcionada dentro de um contexto artístico, histórico e social. Seus sentidos surgirão a partir desse encontro entre autor, obra e leitor. Cada nova leitura, novos sentidos, novas perspectivas serão movimentadas para desvendar mais e mais as significações no texto literário.

Ainda segundo Bakhtin, a obra literária pertence ao “grande tempo”, pois ela dissolve as fronteiras, vive em outros séculos “e leva, frequentemente, uma vida mais intensa e plena do que em sua atualidade” (BAKHTIN, 2011, p. 362). A literatura aproxima as culturas, “supera o fechamento e a unilateralidade dos sentidos de cada uma. Nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem, (...) mas elas se enriquecem mutuamente” (BAKHTIN, 2011, p. 366).

Llosa, em *Sobre a Literatura*, complementa ao afirmar que “ler boa literatura é ainda aprender o que e como somos – em toda a nossa humanidade, com nossas ações, nossos sonhos e nossos fantasmas -, tanto no espaço público como na privacidade de nossa consciência”. Para o escritor peruano, a maior conquista da cultura é conceder o homem a sensação de fazer parte de uma experiência coletiva que atravessa tempo e espaço. Nada contribui mais para a manutenção dessa sensação do que a literatura.

Além disso, a literatura é também um ato social e político. Llosa afirma:

Nada nos protege melhor da estupidez do preconceito, do racismo, da xenofobia, do sectarismo religioso ou político e do nacionalismo excludente do que esta verdade que sempre surge na grande literatura: todos são essencialmente iguais. (LLOSA, 2022)

Ao estudar a história da literatura, percebe-se o inverso: a desigualdade entre homens e mulheres. Durante muito tempo, a literatura foi marcada por homens que escreviam sobre mulheres, até que a primeira

revolucionária se levantou e reivindicou seu lugar no mundo literário. No Brasil, a nova era de mulheres romancistas deu início com Teresa Margarida da Silva e Orta (1711–1793) e com Maria Firmina dos Reis (1822–1917), a primeira romancista negra. Dionísia Gonçalves Pinto (1810–1885), que adotou o pseudônimo de Nísia Floresta, foi precursora de ideais feministas. Clarice Lispector, Pagu e Conceição Evaristo são alguns nomes do século XX e XXI que, por meio de seus escritos, participaram e participam da luta feminina. Para além das fronteiras do Brasil, Juana Inés de La Cruz, poetisa mexicana do século XVII, grande militante da causa feminista. Quando se fala em movimento feminista, Simone de Beauvoir e Regina Wolf são símbolos, com suas fascinantes obras críticas. Para Santos:

Não há mulher alguma que não deseje a liberdade; se ela não manifesta esse desejo, é porque não se quer comprometer com aqueles de quem depende: sua posição é igual à dos trabalhadores e rendeiros que votam contra seus interesses, para agradarem a seus patrões, com a adição que às mulheres se prega desde a infância a submissão, como um atrativo e graça do seu caráter. (SANTOS, 1868, p. 82)

A crítica feminista busca compreender o porquê de as mulheres ocuparem uma posição de subordinação na sociedade, o motivo de serem invisibilizadas e inferiorizadas em várias áreas. Também procura analisar e descrever as formas pelas quais a literatura retrata a predominância masculina, considerando diversos fatores, como: econômicos, sociais, culturais, políticos e psicológicos.

O debate aqui tem grande importância para a sociedade contemporânea, pois pretende evidenciar as conquistas feitas pelas mulheres no decorrer dos séculos no que tange ao seu lugar de escritora na sociedade. A igualdade de gênero na literatura ainda é uma luta e necessita de atenção. Regina Dalcastagnè, no artigo “Um Território Contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais”, fez uma pesquisa com as principais editoras do Brasil. De 1990 a 2004, de 165 autores publicados, 120 eram homens, ou seja, 72,7% (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 31). E isso não ocorre apenas na literatura, se olharmos o cinema, entre 2007 e 2012, 9% dos filmes foram dirigidos por mulheres<sup>26</sup>.

Espera-se que, ao final da pesquisa, seja possível entender as dificuldades que impedem as mulheres de serem reconhecidas por seus fei-

---

<sup>26</sup> Cinco fatos sobre a desigualdade entre gêneros no cinema. *Superabril*, 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/superlistas/5-fatos-sobre-a-desigualdade-entre-generos-no-cinema/>. Acesso em: 29 junho de 2022.

tos. Para combater efetivamente essa questão, é fundamental quebrar certos tabus e um pensamento pré-estabelecido na sociedade: ser o gênero feminino inferior ao gênero masculino; ser o homem mais capaz e criativo para a escrita literária.

## **2. *Sociedade: reflexos da desigualdade de gênero***

Tratar sobre questões de gênero se mostra importante, uma vez que auxilia no entendimento do cenário vivenciado por mulheres, dentro de um sistema político, social e econômico de uma determinada época. Vale destacar que o presente trabalho se interessa pelas observações feitas a partir do século XX. Nesse momento, a luta pela igualdade de gênero ganhava força e a mulher brasileira obteve duas grandes conquistas: direito ao voto em 1932 e a inserção no mercado de trabalho.

Na última década do século XIX, houve uma intensificação no que diz respeito ao processo de “modernização” no Brasil. Segundo Maria Matos e Andrea Borelli (2020), em pouco tempo, isso ocasionou mudanças econômicas e sociais e moldou, assim, um novo perfil populacional. No setor industrial, mulheres e meninas ocupavam cerca de 70% e atuavam na fiação e tecelagem (algodão, seda, juta e lã). Com o tempo, tais atividades foram sendo desvalorizadas monetária e economicamente, até que foram descartadas pelos homens. Os empregos destinados às mulheres eram – em sua maioria – rotineiros, monótonos, com baixa remuneração salarial e desvalorizado hierarquicamente. A justificativa para existir a diferença salarial entre os sexos era a alegação de que as mulheres possuíam quem as sustentasse (MATOS; BORELLI, 2020).

A mulher, no entanto, não foi recebida “de braços abertos” no mercado de trabalho, pois o trabalho feminino era visto como uma atividade transitória, que deveria chegar ao fim quando a mulher se casasse ou tivesse um filho. Mesmo tendo trabalhado nos anos da guerra e movido a economia quando os homens estavam em batalha, após o final da Primeira Guerra Mundial (1918), a mulher deveria retomar seu lugar em casa e se dedicar integralmente à família e à educação dos filhos, o que causou forte oposição. Um dos argumentos era a preocupação moral com o corpo feminino, pois profissões como operária, costureira, lavadeira, cantora, bailarina, atriz, entre outras, eram estigmatizadas e associadas à “perdição moral”, assim, “o trabalho feminino fora de casa passou a ser tolerado apenas como uma fatalidade da pobreza” (MATOS; BORELLI, 2020, p. 133).

Vale ressaltar que, mesmo a mulher tendo ganhado espaço no mercado de trabalho, até os dias atuais, ela ainda possui a maior responsabilidade no que diz respeito às tarefas do lar. Estudar, votar, escolher com quem deseja se casar ou escolher não se casar, durante séculos, não eram direitos pertencentes às mulheres. A mulher precisava entender o seu lugar, e até por volta do século XIX, esse lugar não era o mercado de trabalho, muito menos o mundo literário. No século XX, homens ainda dominavam a esfera literária, como já mencionado anteriormente.

Com a chegada do século XX, a mulher passa a assumir lugares que, anteriormente, eram concedidos apenas aos homens. A primeira metade deste século revela, na Europa, grandes autoras que discutem questões de gênero, como Virgínia Woolf (1882–1941) e Simone de Beauvoir (1908–1986). Seus textos se mostram pertinentes até os dias atuais, além dissotornaram-se objetos de estudo para o feminismo. *O segundo sexo*, de Beauvoir (1949), veio como uma potência, quebrando tabus, como a ideia de que o sexo feminino era biologicamente inferior.

O referido livro fala sobre a relação entre os sexos e coloca em debate a pauta de não existir um modo de ser especificamente feminino, pois, na verdade, isso seria uma imposição social: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2016, p. 12).

O século XX também trouxe importantes nomes brasileiros que falam sobre o papel da mulher na sociedade da época, como Cecília Meireles, Clarisse Lispector e Lygia Fagundes Telles. Há importantes personagens femininas que retratam mulheres donas de casa refletindo sobre seu papel na sociedade, sua função social e sua condição de submissão. É o caso da personagem Ana, do conto “Amor”, inserido na obra “Laços de Família”, de Clarisse Lispector (1960), que apresenta estereótipo de dona de casa, que se esquece de si para se dedicar à família. O que Clarisse traz em seu texto é o retrato da mulher do século XX, que pode até estar dentro do mercado de trabalho, mas tem como obrigação maior o lar, renegando seus desejos evontades.

Por muito tempo, a mulher foi excluída do âmbito literário, pois, nesse espaço, apenas figuras masculinas eram permitidas. Isso acontecia porque as mulheres eram vistas como menos capazes quando comparadas aos homens. Diante disso, em diversos países, é possível encontrar autoras que utilizavam pseudônimos, para que não soubessem que as obras eram de autoria feminina, como, por exemplo, as irmãs Brontë (século XIX), conhecidas, na época, como “Os irmãos Bell”.

É certo que a literatura, assim como a ciência e as artes, era integralmente machista e desigual, por isso mulheres eram silenciadas e escritoras apagadas, como cita Virgínia Woolf (2020, p. 64): “De fato, eu ousaria adivinhar que anônimo, que escreveu tantos poemas sem cantálos, era uma mulher”. O feminismo veio para romper com essas ideias, nas quais a mulher é o “sexo frágil” e não pode ocupar os mesmos lugares que os homens. Dessa forma, obras de autoria feminina têm ganhado cada vez mais força e são de suma importância para uma reconstrução da identidade feminina e da sociedade como um todo, pois, por meio delas, inicia-se uma mudança de mentalidade e da visão sobre o sexo feminino.

### **3. *Literatura: escrita feminina como elemento preponderante às mudanças***

Segundo a historiadora Michelle Perrot (2007), durante séculos, a mulher foi impedida de aprender a ler, logo não havia como escrever. No século XX, as mulheres brancas de elite começaram a aprender a ler, nem que fosse para ajudar os filhos com as tarefas da escola ou com o trabalho dos maridos: “escrever, para as mulheres, não foi tarefa fácil. Sua escritura ficava restrita ao domínio do privado, à correspondência familiar ou à contabilidade da pequena empresa” (PERROT, 2007, p. 97). Destaca-se que, por não terem contato com textos literários, quando escreviam, suas obras eram categorizadas como inferiores.

A autora britânica Virginia Woolf, assim como Simone de Beauvoir, é um marco para o feminismo e figura primordial nos estudos feministas. Ela discute questões de gênero, mas com ênfase no campo literário, trazendo debates relevantes sobre o acesso das mulheres ao mercado editorial. Woolf traz à tona uma problemática relevante para a inserção da mulher no mercado editorial logo nas primeiras páginas de seu livro *Um teto para todos*: “uma mulher deve ter dinheiro e um teto todo dela se ela se dispõe a escrever ficção” (WOOLF, 2020, p. 10). Virgínia retrata a diferença entre homens e mulheres, as condições sociais, políticas e econômicas que modificam a forma como a mulher vê o mundo, como o mundo avê e como isso interfere na sua escrita.

Virginia Woolf questiona o motivo pelo qual as mulheres não escreviam. Ao se referir ao período elisabetano (reinado de Elizabeth I), de 1558 a 1603, na Inglaterra, a autora afirma não conseguir compreender como a mulher não escreveu uma só palavra naquela época, enquanto homens escreveram, entre outras coisas, canções e sonetos. Ela se per-

guntava qual eram as condições vivenciadas pelas mulheres daquela época.

No século XX, a mulher já estava presente na literatura, mas ainda havia uma hierarquização de gênero, visto que aquelas que ousavam fazer literatura eram vítimas de preconceito. O sexo feminino era tido como símbolo de beleza, de apreciação e não como ser intelectual. Por mais que possuíssem conhecimento e tivessem acesso à educação, obras de autoria feminina ainda não recebiam o mesmo prestígio de obras masculinas. Pensamentos misóginos ainda estavam presentes neste século. Para Duarte, “a sociedade que se recusava a aceitar a concorrência feminina, em qualquer de seus domínios. As relações entre os sexos eram, antes de tudo e sem sombra de dúvida, relações de poder” (DUARTE, 1997, p. 89).

O pouco espaço e o reconhecimento que a mulher passou a ganhar, por vezes podem mascarar que há uma grande diferença entre homens e mulheres, no que diz respeito ao prestígio dado no mercado editorial. Ao fazer a análise de alguns dados, nota-se que o machismo ainda está fortemente presente nesta esfera. Dos 114 contemplados com o Prêmio Nobel de Literatura, no período de 1901 a 2020, constata-se que apenas 15 destes foram mulheres. Na Academia Brasileira de Letras, até 1976, apenas homens eram aceitos e, durante toda a sua existência, obteve apenas 3% de integrantes mulheres. Vale ressaltar que ainda não houve, em 124 anos, uma mulher negra ocupando uma cadeira.

Obras de escrita feminina ainda são menos publicadas que obras de escrita masculina. Livros de autoria feminina são menos divulgados e recebem menor atenção, mulheres são menos convidadas para eventos literários e ganham menos prêmios. Pesquisa realizada pelo Clube de autores<sup>27</sup> revelou que, antes da pandemia, no Brasil, apenas 34% dos livros eram de mulheres. Esse número, porém veio aumentando, e hoje já está em mais de 40%, segundo a mesma pesquisa. Por isso, ainda se faz necessário obras como as de Simone de Beauvoir e Virginia Woolf, que falem sobre a literatura feminina e seu impacto social, obras que reflitam sobre a condição da mulher.

O termo “feminista” começou a ser utilizado em meados do século XIX e, na literatura, está relacionado à luta por direitos e igualdade, tendo cunho político. De acordo com Lobo (2011): “a acepção de litera-

---

<sup>27</sup> Mulheres no mercado editorial. *Portal tagarelas*, 2022. Disponível em: <https://portaltagarelas.com.br/2022/04/08/mulheres-no-mercado-editorial/>. Acesso em: 29 junho de 2022.

tura ‘feminista’ vem carregada de conotações, sendo, em geral, associada à luta pelo trabalho, pelo direito de agremiação, às conquistas de uma legislação igualitária ao homem”. Diante disso, obras de autoria feminina eram utilizadas para um pensar coletivo, por meio do qual as mulheres poderiam refletir sobre sua condição de mulher. Tratava-se de uma contraposição à ideologia patriarcal, que determina o homem como superior, trazendo, assim, uma consciência feminina.

Durante séculos, os textos literários foram escritos por figuras masculinas e constituíam-se de narrações sobre guerras, batalhas e conquistas. A figura feminina não estava presente em tais escritos, uma vez que as mulheres não escreviam esse tipo de literatura e também não estavam inseridas como personagens. Em dado momento, elas ganharam papel de destaque nos romances, como protagonistas de grandes livros que marcaram a literatura brasileira, podendo citar: *Capitu*, de Machado de Assis; *Iracema*, de José de Alencar, *Moreninha*, de Joaquim Manuel Macedo.

Contudo há duas questões que merecem ser discutidas: a primeira, trata-se de homens falando sobre mulheres e a segunda, a qual a filósofa Judith Butler discute em seu livro *Problemas de Gênero* (2003), é o fato do discurso do outro ser uma versão incapaz de representar com fidelidade aquilo que realmente é. Butler vai um pouco além e alega que a mulher não apenas foi representada esse tempo todo, mas que foi “mal representada”. A autora aponta que: “para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres” (BUTLER, 2003, p. 18).

Nísia Floresta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, é considerada por muitos a primeira feminista brasileira. Lutou pela capacitação intelectual da mulher e seu direito à educação. Foi educadora, escritora e poetisa, defensora de ideias abolicionistas e republicanos, influenciou fortemente à educação. Estreou como escritora em 1831, no jornal *Espelho das Brasileiras*, de Pernambuco, em um tempo no qual grande parte das mulheres viviam em suas casas, silenciadas, sem outra alternativa, a não ser obedecer à voz do marido. Nísia, desde as suas primeiras publicações, buscou trazer reflexões que retratam a condição feminina (DUARTE, 2005). Estabeleceu diálogos sobre política e causas sociais. Nísia rompeu com os limites que dizia qual era o lugar destinado à mulher.



A autora nasceu em 1810, em um povoado do Rio Grande do Norte. Filha de um advogado português e de uma brasileira, acredita-se que era uma mulher branca, pois pertencia à elite nordestina. Viajou diversas vezes e morou em vários lugares diferentes no Brasil e na Europa. Possui cerca de 15 títulos, escritos em português, francês e italiano; além de inúmeros artigos, poemas, ensaios, críticas. Foi, no entanto, em 1832 que publicou o livro que lhe trouxe notoriedade – *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. Em 1838, fundou o Colégio Augusto, no Rio de Janeiro, voltado para meninas. Nísia, em seus escritos, sempre retratava as condições vividas pelas mulheres no Brasil e abordava o papel social imposto sobre elas. Segundo Duarte (2006), ao observar o processo pelo qual as mulheres passaram até a conquista de seus direitos principais, como o direito à educação, ou simplesmente ser reconhecida como um ser intelectualmente capaz, verifica-se o quão árduo foi esse percurso.

É necessário salientar que Nísia Floresta não representava o padrão da mulher de sua época, ela era uma exceção. No início do século XIX, grande parte do sexo feminino era analfabeto e submisso. Dessa forma, a autora foi contra tudo aquilo que lhe era imposto e, por isso, segundo Duarte:

Sua atitude é de independência perante a metrópole, e seu texto deve ser lido como uma resposta da periferia ao centro produtor de discursos e, portanto, construtor de identidades, e mais ainda: como o grito de liberdade da mulher brasileira frente à sociedade patriarcal. (DUARTE, 2006, p. 15)

A autora Nísia Floresta ficou marcada na história, buscou romper com os preconceitos, desmistificar o pensamento de que o homem é um ser superior e identificar as origens de tais pensamentos. Deixou um legado nas discussões a respeito de educação para mulheres, por ser uma voz feminina ativa, em uma época na qual as palavras eram negadas para às mulheres. Nas palavras de Duarte: “Nísia de fato muito contribui para o avanço da educação feminina em nosso país” (DUARTE, 2006, p. 37).

#### **4. Conquistas: uma (re)construção da identidade feminina**

Nos anos de 1930 e 1940, as mulheres começaram a conquistar certo espaço na sociedade, mas, de acordo com Pinky (2020), o movimento feminista ainda se mostrava “fora de ameaça”, uma vez que as mudanças ocorridas no universo feminino eram lentas e, por vezes, beneficiavam os homens. Nos anos 1950, ser “feminista” não era um insulto ou ameaça, “sendo usada até com alguma conotação positiva” (PINKY,

2020, p. 539). As mulheres dos anos 1970 são aquelas que buscavam a libertação e direcionavam-se às ruas a fim de protestar contra a ditadura e o sistema político opressor, elas eram as “mulheres politicamente perigosas” (PINKY, 2020, p. 539).

De acordo com Carla Pinky (2020), a partir dos anos 1960, a figura da mulher dona de casa, que não exerce o trabalho remunerado, começou a se dissipar e, até mesmo, ser desvalorizada. A mulher moderna deveria ser “polivalente”: ter um trabalho, mas ainda cuidar da casa e dos filhos. Todavia, a autora entende que ainda persiste o ideal de mulher, a “boa dona de casa”, com base no fato de as propagandas de produtos de limpeza e itens para o lar ainda ter a figura da mulher como público-alvo. Outra imagem da mulher que passou por transformações, segundo a autora, foi a da “mulher cidadã”, sendo as lutas políticas, os movimentos sociais e o feminismo grandes contribuintes para a reconstrução da identidade da mulher.

Desse modo, ao realizar um comparativo entre o século XIX e o século XX, é notável que o cenário da literatura feminina também obteve significativas mudanças. Isso ocorre devido ao crescimento do movimento feminista nas décadas de 60 e 70, na Europa e nos Estados Unidos, o qual propiciou transformações na situação da mulher no Brasil. Diante disso, a mulher passou a ter mais autonomia na produção de seus textos e mais liberdade, uma vez que seus escritos não ficavam mais restritos ao domínio privado. Vale ressaltar que estamos falando de mulheres com poder aquisitivo.

Nos anos 1980, a mulher torna-se ainda mais comprometida com “as causas sociais de seu tempo” (PINSKY, 2020, p. 539). As lutas pela igualdade, maior penalização da violência sexual e discriminação, são alguns dos temas que rodeiam a militância feminina. Nessa mesma década, a literatura também não é mais a mesma, há um avanço no que tange à publicação de livros. Nesse mesmo sentido, existe também a preocupação em recuperar as escritas femininas do passado, aquelas que foram invisibilizadas, apagadas, que precisaram usar pseudônimos para serem, só então, consideradas escritoras. Duarte (2009) menciona que nesses anos formou-se um grupo de pesquisadores que visavam encontrar “escritoras do passado e reascender essa antiga memória” (DUARTE, 2009, p. 12). Sobre essa pesquisa, sabe-seque:

Uma parte do resultado deste projeto são os dois volumes intitulados *Escritoras brasileiras do século XIX*, que estão publicados pela Editora Mulheres, de Florianópolis, sob a coordenação da colega Zahidé Muzart. O

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

primeiro surgiu em 1999, com 910 páginas e 52 escritoras. O segundo, em 2004, com 1.170 páginas e 53 autoras, oriundas de diferentes regiões do país. O terceiro, posso antecipar, encontra-se no prelo e também vai trazer novidades para o pesquisador da temática. (DUARTE, 2009, p. 13)

Ao delinear uma linha do tempo sobre o cânone brasileiro, percebe-se que a inserção efetiva da mulher ocorreu a partir de 1980. Mesmo que a mulher brasileira já tenha conquistado certo espaço na primeira metade do século XX, ele não ocorreu no cânone brasileiro. Isso porque, em 1930, Amélia Beviláqua realizou uma tentativa de ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL), mas se deparou com questões sexista e foi vetada. Em 1950, o regimento foi alterado para que ficasse claro que apenas homens poderiam integrar. A primeira mulher a conseguir entrar na Academia Brasileira de Letras foi Rachel de Queiroz, mas apenas em 1977. Dinah Silveira Queiroz foi rejeitada na primeira tentativa, mas conseguiu uma vaga em 1981. Depois foram eleitas: Lygia Fagundes Telles (1985), Néliida Piñon (1989), Zélia Gattai (2001), Ana Maria Machado (2003), Cleonice Berardinelli (2009) e Rosiska Darcy (2013). Neste momento, são 40 imortais, todavia, apenas cinco mulheres.

Mariana Felipe escreveu uma matéria para Revista Bula em 2020, na qual discorria sobre as mulheres ganhadoras do Prêmio Nobel de Literatura. O evento ocorre desde 1901 e premia anualmente autores que tenham feito grandes contribuições no âmbito literário. A lista, todavia, evidencia a desigualdade de gênero, uma vez que, em 114 edições, apenas 15 entre os premiados são mulheres. Mariana (2020) destaca que, ao verificar a referida lista, nota-se que nove, das 15 autoras, foram premiadas nos últimos 30 anos. Dessa forma, observa-se que existe um avanço na tentativa de equiparação entre os sexos no âmbito literário. Outro ponto que merece destaque é a questão de nenhuma mulher a ganhar o Nobel ser brasileira e, das ganhadoras, poucas serem conhecidas no Brasil.

Nas páginas introdutórias do livro *O perigo de uma história única*, de Chimamanda Ngozi Adichie, obra transcrita de uma palestra da autora, é evidenciada a importância de representatividade em obras literárias, ao dizer: “quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma história, particularmente durante a infância” (ADICHIE, 2019, p. 6). Chimamanda é uma mulher nigeriana, de pele chocolate e cabelo crespo, como ela mesma define. A escritora cita, em seu livro, que, quando começou a escrever obras literárias, seus personagens tinham as características físicas e costumes de pessoas britânicas e americanas. Mesmo a autora possuindo costumes distintos dos britânicos e americanos, escrevia conforme os seus padrões, até o momento em que descobriu a existência

de escritores africanos, fato que trouxe a Adichie uma identificação: “o que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros” (ADICHIE, 2019, p. 7).

O livro discorre sobre como é criada a identidade de um povo, a forma como é construída a imagem de determinados grupos, e o problema de se criar estereótipos. A autora sugere que o conhecimento é estabelecido por meio das histórias que são lidas e escutadas, por isso, ficar “preso” a uma única narrativa limitará a compreensão sobre determinado grupo, ou sobre determinado assunto. Dessa forma, a autora propõe que as pessoas diversifiquem os conteúdos que consomem e suas fontes de conhecimento, pois aprender por apenas um ponto de vista, ficar preso a um único modelo de narrativa, construirá um conceito baseado em uma história única.

Não basta, todavia, que as mulheres escrevam. Para que haja uma efetiva mudança de mentalidade por parte da sociedade, é necessário também que elas sejam lidas. Dessa forma, surge a importância de que as escolas incentivem a leitura de obras de autoria feminina, uma vez que centralizar a leitura em livros de autoria masculina direciona o leitor a assumir uma única visão que, neste caso, trata-se do ponto de vista masculino. Os apontamentos de Chimamanda, sobre os diversos modos de ser e existir, mostram a relevância do reconhecimento de outras vozes, sobretudo vozes que no passado foram silenciadas. Ler literatura de autoria feminina é uma maneira de conhecer a identidade de uma parcela significativa da sociedade. Em especial, para uma mulher, ler literatura de autoria feminina é reconhecer sua própria vivência através do olhar do *outro*. A menina, desde os anos iniciais, precisa encontrar nos livros uma identificação, precisa perceber que o mundo literário também foi feito para ela, que existe um espaço para si dentro das páginas de um livro. E que ela pode ser o que desejar, inclusive, escritora.

Segundo a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro em 2019, as mulheres correspondem a 54% do público leitor do país. Todavia, é relatado que, dos 15 autores mais lidos, cinco são mulheres e apenas duas são brasileiras, sendo elas: Cecília Meireles e Zíbia Gasparetto. Diante dos dados apresentados, pode-se refletir sobre como as escolas parecem investir, quase que estritamente, na leitura de obras de autoria masculina, uma vez que autores como Machado de Assis, Monteiro Lobato e Jorge Amado encontram-se no topo da lista de leituras recomendadas – e por vezes obrigatórias – nas escolas.

Dessa forma, há uma tendência a acreditar que, mesmo tendo existido um avanço da escrita feminina, as narrativas ainda são controladas por figuras masculinas. Não é por mera coincidência que se faz a escolha de um livro. Por trás dessa escolha, existe uma história de predominância masculina, que foi gerada há séculos, mas que permanece até os dias atuais.

## **5. Conclusão**

Observou-se, com esse artigo, que a mulher enfrentou diversos obstáculos para escrever textos literários. Pouco acesso à educação, inferiorização no mercado de trabalho e restrições para publicação de livros são algumas das barreiras que foram impostas sobre as mulheres. Entende-se que ainda não há igualdade entre os sexos, uma vez que essas barreiras apenas se tornaram menores.

Com a vinda do movimento feminista, ao final do século XIX, a mulher passou a lutar por seus direitos, conquistando-os. Começaram a escrever mais abertamente e publicar seus textos, porém, ainda assim, sua literatura ficava categorizada como inferior, como segunda linha. Com isso, o universo literário ainda pertencia aos homens.

Até o atual momento há pensamentos sexistas presentes na sociedade contemporânea, as mulheres não adquiriram – exatamente – os mesmos direitos, possibilidades, prestígio e reconhecimento. Ao observar especificamente o meio literário, conclui-se que o homem branco e hétero ainda assume a maior porcentagem dos lugares. Essa referida questão se prova ao observar o cânone brasileiro, os membros da Academia Brasileira de Letras, vencedores de prêmios literários, convidados de eventos literários, entre outros exemplos.

Por meio do que foi exposto, nota-se o quanto é difícil para as mulheres se destacarem em um mundo que ainda é dominado por homens, mesmo que em menor grau. Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, Rachel de Queiroz, Nísia Floresta, entre tantas outras, não são uma exceção. Tais mulheres também enfrentaram dificuldades, medos e lutas; também tiveram seus direitos negados e seu talento questionado. As condições de produção literária não foram fáceis para elas, não foram fáceis para as que vieram antes delas e também não foram fáceis para as que vieram depois delas. No mais, para a mulher, nunca será uma tarefa inteiramente fácil produzir literatura, uma vez que ainda está enraizado na so-

cidade, e por consequência na própria mulher, que ela não tem um teto tododela. Isso significa que seu lugar na sociedade é construído para cuidar dos homens: pais, maridos e filhos. E, para os homens, sobra tempo para ter um teto todo seu, um computador, um escritório e o silêncio para produzir literatura.

Com base nos resultados da pesquisa, percebeu-se que algumas mulheres fugiram dos padrões exigidos no contexto de suas referidas épocas e conseguiram conquistar muitos direitos. Precisam, porém, estar cientes de que necessitam se manter sempre vigilantes, para que tais direitos não lhes sejam revogados.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019. (E-book)

BAKTHIN, Mikail. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: A experiência vivida*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 2016.

\_\_\_\_\_. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (v. 1)

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990–2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.

DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres arquivadas: histórias de uma história mal contada. *Revista Gênero*, v. 9, n. 2, p. 11-17, Niterói, 2009.

\_\_\_\_\_. *Nísia Floresta: uma mulher à frente do seu tempo*. 1. ed. Natal: Cultural, 2006.

\_\_\_\_\_. *Nísia Floresta: vida e obra*. 1. ed. Natal: UFRN, 1995.

\_\_\_\_\_. O Cânone Literário e a Autoria Feminina. In: AGUIAR, N. (Org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 85-94 (v. 5)

FELIPE, Mariana. Em 117 edições do Nobel de Literatura, apenas 15 mulheres foram premiadas. *Revista Bula*, 20 de setembro de 2020. Listas. Disponível em: <https://www.revistabula.com/35610-em-114-edicoes-do-nobel-de-literatura-apenas-15-mulheres-foram-premiadas-saiba-quem-sao-elas/>. Acesso em: 18 de novembro de 2021.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. 5. ed. [S.l.]: IPL, 2020. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5aedicao\\_RetratosdaLeitura-IPLdez2020-compactado.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5aedicao_RetratosdaLeitura-IPLdez2020-compactado.pdf). Acesso em: 20 de novembro de 2021.

LLOSA, Mario Vargas. Sobre a literatura. *Sarau Eletrônico*, 2022. Disponível em: [https://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com\\_content&task=view&id=201](https://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=201). Acesso em: 29 junho de 2022.

LOBO, Luiza. *A literatura de autoria feminina na América Latina*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://filipe.tripod.com/LLobo.html>. Acesso em: 13 de outubro de 2021.

MATOS, Izilda Maria; BORELLI, Andrea. Trabalho: espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, C.B.; PEDRO, J.M. (Orgs). *Nova história das mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 126-47 (v. 5)

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações 2: a era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, C.B.; PEDRO, J.M. (Orgs). *Nova história das mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 530-44 (v. 5)

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2020.

#### Outras fontes:

CINCO fatos sobre a desigualdade entre gêneros no cinema. *Superabril*, 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/superlistas/5-fatos-sobre-a-desigualdade-entre-generos-no-cinema/>. Acesso em 29 junho de 2022.

MULHERES no mercado editorial. *Portal tagarelas*, 2022. Disponível em: <https://portaltagarelas.com.br/2022/04/08/mulheres-no-mercado-editorial/>. Acesso em: 29 junho de 2022.